

## **PARTE DA DISSERTAÇÃO**

### **“Experiências de Quase-Morte: Uma Questão Científica?”**

**Aprovada pelo Programa de Pós-Graduação**

**do Instituto de Psicologia da**

**Universidade Federal do Rio de Janeiro**

Neste trabalho foram sublinhados, inicialmente, os aspectos principais da EQM com base em recentes investigações científicas. Dentro dos aspectos históricos foram apresentadas as observações sobre as visões no leito-de-morte como marco inicial dos estudos sobre a EQM, bem como o interesse de psicólogos, cientistas e sábios pelos chamados fenômenos metapsíquicos na segunda metade do século XIX e início do XX e as críticas da emergente psicologia experimental. Foi feita uma análise da produção científica nos últimos 18 anos com base no Psychological Abstracts objetivando verificar o interesse científico que o tema vem despertando, como também analisar alguns aspectos referentes ao desenvolvimento teórico de tais estudos. Foi feita a análise do conteúdo dos artigos e uma posterior categorização para avaliação desse desenvolvimento. Constatou-se que a maior parte dos estudos revela uma preocupação quanto à etiologia da EQM. A grande controvérsia não deriva dos seus aspectos empiricamente testáveis, mas da tentativa de encontrar para a ocorrência da experiência uma explicação coerente. Sugere-se que tais controvérsias refletem posições epistemológicas que são expressões de todo um panorama de mudanças paradigmáticas que se vem operando no campo da ciência, atingindo a Psicologia, a Física, a Biologia, a Medicina etc. Foi apresentada a Psicologia Transpessoal como possível modelo teórico para abordar de modo adequado a EQM.

#### **1.3 - A Experiência de Quase-Morte**

A fim de que se proceda a um estudo científico acerca das EQMs, faz-se mister tomar em consideração seus elementos básicos e definidores, capazes de proporcionar subsídios para uma visão abrangente do fenômeno em questão.

### 1.3.1 - Definição

Apesar dos inúmeros estudos e pesquisas relativas à EQM nesses quase 20 anos, pode-se dizer que as investigações encontram-se ainda em uma fase descritiva, não existindo, desta forma, uma definição geral que possa abranger o fenômeno em toda a sua complexidade. Há muitos estudos exploratórios, objetivando descrever o que ocorre quando uma pessoa está perto da morte, quais as suas experiências, suas emoções e de que maneira estas vivências podem influenciar em suas vidas. Diversas hipóteses foram formuladas na tentativa de elucidar o fenômeno.

Em que pesem tais particularidades, é viável afirmar que, genericamente, as EQMs podem ser melhor consideradas como “um estado complexo e polimórfico ou como um número de entidades distintas” (Roberts & Owen, 1988, p. 609).

De fato, verifica-se nos textos alusivos ao tema uma tendência a definir ou conceptualizar a EQM ou a partir de uma base descritiva, fenomenológica, ou através dos efeitos que produzem na vida dos indivíduos que passaram pela experiência. Em outras palavras, a definição de EQM está vinculada por um lado a uma tipologia e por outro a uma pragmática de mudanças.

Em 1983(a), Greyson elaborou uma escala focando a EQM. Nesse trabalho psicométrico, utilizou uma amostra de 74 sujeitos que teriam supostamente experienciado fenômenos característicos de uma EQM. A versão final da Escala contém 16 itens, os quais permitem conceber uma tipologia muito sugestiva para as EQMs. De acordo com essa classificação, que representa também um esforço de síntese conceptual, existiriam quatro dimensões para os componentes de uma experiência: cognitivo (tempo veloz, pensamentos acelerados, etc), afetivo (sentimento de paz, prazer, etc), paranormal (cenários do futuro, separação mente-corpo, etc) e transcendental (ver pessoas mortas, seres de luz, etc).

Convém esclarecer que nem todas as pessoas que passaram por uma EQM exibem os elementos comumente relatados. Portanto, para os objetivos deste estudo considerar-se-á como EQM a presença de um ou mais elementos descritos por Moody (1975, 1977, 1988) na fenomenologia da experiência, conforme será visto adiante.

No âmbito das investigações alusivas à EQM, há uma questão que tem sido objeto de divergências entre os pesquisadores, ponto este que

merece ser discutido na medida em que relaciona-se com a definição da própria experiência.

Todos os indivíduos que relatam elementos de uma EQM estão realmente perto da morte? Obviamente que o questionamento não abrange experiências outras como a prática meditativa, fenômenos parapsicológicos, experiência psicodélica e demais ocorrências de estados alterados de consciência, onde se sabe existir uma base fenomenológica em alguns aspectos mui semelhante aos relatos de EQM. O problema consiste em saber se as pessoas que relatam fenômenos característicos de uma EQM, tendo passado por situações de risco como afogamento, graves acidentes e desmaios, se elas, de fato, estiveram próximas da morte.

Tendo investigado 40 relatórios médicos de pacientes que relataram experiências não usuais (ver o próprio corpo de uma posição diferente no espaço, por exemplo) durante uma doença ou ferimentos, Stevenson (1989) obteve resultados que lhe indicaram que 45% das pessoas estiveram, de fato, em grave situação clínica, com doenças ou ferimentos que ameaçaram seriamente a vida, enquanto que 55% dos pacientes não tiveram nenhuma condição onde a vida estivesse em risco. Outro resultado sugestivo diz respeito ao percentual (82,5%) dos sujeitos que acreditaram que, dentro da situação clínica, estivessem “mortos” ou próximos da morte. Tais resultados levaram Stevenson a afirmar que um dos fatores precipitadores das chamadas experiências de quase-morte pode ser a crença que o paciente tem de que está efetivamente morrendo, muito embora do ponto de vista clínico não o esteja. Esta discrepância entre uma avaliação subjetiva (crença do experienciador) e uma de natureza mais objetiva (avaliação clínica do médico) introduz uma variável complexa, julgamos, para o esforço de definição de uma EQM.

Os estudos de Morse (1992) com crianças que relataram fenômenos de EQM levaram a resultados distintos, porquanto em todos os casos descritos a proximidade da morte foi uma condição necessária para a ocorrência da EQM.

Um estudo comparativo entre relatos de experiências fora-do-corpo e EQM (Gabbard, 1981) sugere um número de características distintivas as quais diferenciam estas daquelas, não sendo a EQM tão-somente uma variante dos fenômenos relatados por pessoas que percebem o corpo como se estivessem distanciados do mesmo. Desta forma, a proximidade

da morte parece fornecer à EQM certos aspectos que lhe são característicos.

As investigações de Stenvenson (1989) apontam para um problema existente nos estudos relativos à EQM, qual seja a não inclusão, em grande número desses casos, de referências às condições médicas dos pacientes. Através da descrição desse quadro clínico do paciente, pode-se constatar sua proximidade ou não da morte. Muitos estudos existentes poderiam, destarte, estar baseados em declarações não corroboradas das pessoas que supostamente teriam passado pela experiência. O problema levar-nos-ia, em realidade, a uma questão de natureza semântica. Sendo a experiência chamada de quase-morte, evidentemente deveria o sujeito estar realmente perto de morrer.

Em que pese, naturalmente, a relevância da verificação das condições médicas dos pacientes que tiveram suas experiências tanáticas em ambiente hospitalar, a fim de que se possa constatar sua real proximidade da situação de morte, um estudo da fenomenologia e dos efeitos da EQM indica-nos que esta não parece ser uma questão epicêntrica, porquanto permanecem, mesmo nesses casos, as características da experiência então denominada de quase-morte, estando ou não o indivíduo de fato em zona limítrofe entre a vida e a morte, mostrando que podem ser verificados fenômenos de uma EQM em ambas situações. Tal proximidade fisiológica concorreria, entretanto, para uma discussão a respeito de um possível fator precipitador da EQM. A discussão, portanto, concentrar-se-ia nos aspectos etiológicos do fenômeno, onde procederia investigar o papel que o medo desempenha na ocorrência de uma EQM, ou a crença subjetiva do paciente de que ele está efetivamente quase morrendo, ou, ainda, em que medida as condições orgânicas do paciente podem influenciar na produção de uma EQM. A identificação precisa das condições sob as quais ocorre uma EQM, revelar-se-ia importante no que tange aos aspectos etiológicos e também no que se refere à relação entre a atividade mental consciente e as condições fisiológicas, na medida em que muitos relatos de EQM sugerem que mesmo níveis elevados de atividade mental podem ocorrer durante períodos de funcionamento fisiológico prejudicado.

### 1.3.2 - Descrição Fenomenológica

Os relatos de EQM ao longo dos tempos tiveram um caráter especulativo, não raro confundindo-se com interesses religiosos ou preocupações escatológicas. Os estudos científicos sobre a EQM começaram com uma aproximação a esse objeto pela sua base fenomenológica, quer dizer, por um estudo acerca dos componentes ou elementos da experiência.

Tal descrição revela-se particularmente importante para a compreensão de uma EQM. Há uma importante interface entre a fenomenologia e os aspectos etiológicos da EQM, como será discutido oportunamente.

Uma primeira descrição da fenomenologia das EQMs deve ser atribuída ao já referido trabalho de Heim (Noyes & Kletti, 1972). Entretanto, Moody (1975) promoveu estudo mais sistemático, tendo construído um modelo a partir das semelhanças observadas entre os vários relatos dos que passaram pela experiência, a despeito da grande variabilidade nas circunstâncias que envolvem a EQM e nas próprias pessoas.

Moody enfatiza que seu modelo é um “composto de elementos comuns encontrados em muitas histórias”, e esclarece que “apesar da notável diferença entre os vários relatos, não há dois deles exatamente iguais, embora muitos cheguem a ser praticamente idênticos” (1975, p. 29).

Em síntese, pode-se apresentar o resultado de sua pesquisa em 9 categorias:

- a) calma, paz, infalibilidade, serenidade;
- b) barulhos;
- c) experiências fora-do-corpo;
- d) passagem por um túnel;
- e) encontro com pessoas mortas;
- f) encontro com um ser de luz;
- g) revisão da própria vida;
- h) aproximar-se de uma barreira, limite ou fronteira;

i) relutância para retornar ao corpo.

O trabalho de Moody pode ser considerado uma pesquisa qualitativa, não se preocupando obviamente com quantificações das categorias comumente verificadas nos relatos de EQM. Apesar disto, percebe-se uma certa fragilidade do ponto de vista metodológico em suas obras. Todavia, os resultados apresentados são bastante sugestivos, o que levou muitos investigadores a conduzir estudos mais sistemáticos e estruturados para exploração do objeto em questão.

Noyes Jr. & Kletti (1976) realizaram um estudo empírico com 104 sujeitos que passaram por uma EQM em circunstâncias variadas: quedas, afogamentos, acidentes automobilísticos, doenças graves, explosões em campos de batalha, paradas cardíacas, reações alérgicas e acidentes envolvendo mais de um desses episódios. Registrou-se a freqüência com a qual os vários fenômenos subjetivos foram relatados durante momentos de extremo perigo. As pessoas que acreditaram que estavam prestes a morrer experienciaram tais fenômenos de forma muito mais freqüente quando comparadas com as pessoas que não chegaram a pensar que a morte era iminente. Um número de elementos distintos foi particularmente característico dessas experiências. Estes elementos incluem: alteração na percepção de tempo, falta de emoção, sensação de irrealidade, alteração na atenção, sensação de separação, perda de controle, revivificação de memórias e inefabilidade.

Greyson & Stevenson (1980) reuniram 78 casos de pessoas que passaram por uma EQM e compararam os percentuais de freqüência de ocorrência de experiências incomuns com dados oriundos de surveys anteriores da população geral (N = 354) e de pacientes psiquiátricos (N = 92). A fenomenologia dessas experiências, bem como os percentuais, estão expostos na tabela que se encontra no Anexo I. Os elementos de EQM que revelaram percentuais mais elevados quando comparados com os dois outros grupos foram o senso de unidade com a Natureza, a sensação de que Deus encontra-se dentro do sujeito, supostas percepções de pessoas não presentes, supostas memórias de vida passada, percepção visual de auras ou halos envolvendo as pessoas, experiências fora-do-corpo e aparente comunicação com os mortos.

Ring (1980, em Roberts & Owen, 1988) realizou uma pesquisa descritiva com 104 sujeitos que passaram por situações de alto risco de vida, tangenciando o limiar da morte. Um percentual de 48% das pessoas

relataram terem vivido uma EQM. Sua conclusão aponta para a existência de um “núcleo da experiência” (“core experience”), o qual se desdobra num padrão característico para os relatos de EQM. Haveria uma seqüência de estágios nessas experiências, sendo as primeiras etapas mais comumente observadas nos relatos. Os estágios são:

- a) uma experiência de paz, bem estar e ausência de dor;
- b) uma sensação de separação do corpo físico, progredindo para uma experiência fora-do-corpo;
- c) entrada no escuro;
- d) uma experiência de túnel com memória panorâmica e afeto predominantemente positivo;
- e) uma experiência de luz brilhante, quente e atrativa;
- f) entrada na luz, encontrando pessoas ou figuras.

Uma comparação entre os percentuais dos tipos de fenômenos associados às EQMs segundo diversos pesquisadores, a despeito das diferenças metodológicas existentes entre os mesmos e, conseqüentemente, os variados critérios empregados para a classificação das fenomenologias (ver Anexo II), indica que os mais elevados percentuais das categorias encontradas, concentraram-se nos conteúdos “calma ou paz” e “experiência fora-do-corpo”, seguidas do “ingresso numa dimensão outra” e “encontro com um Ser de luz”. A calma e a paz experienciadas por grande número de sujeitos, não afasta a possibilidade de EQMs profundamente desagradáveis, conforme se pode constatar a partir de alguns estudos (Atwater, 1992; Irwin & Bramwell, 1988).

Deve-se ressaltar que as categorias referidas pelos diversos sujeitos não foram resultantes de interpretações por parte dos que se propuseram a estudar tais relatos de experiências subjetivas de indivíduos que vivenciaram uma EQM. Desta forma, não procedem atitudes avaliativas do conteúdo de tais relatos. O objetivo é tão somente o de proceder a uma descrição fenomenológica dessas experiências.

Uma evidente preocupação nos estudos que se concentram nos aspectos fenomenológicos refere-se à questão de a EQM ser ou não um fenômeno universal. Em outras palavras, se a EQM desenvolve-se de acordo com

algum padrão que seja comum a todos os casos. A existência de um núcleo narrativo comum nos relatos dos sujeitos que passaram pela experiência estaria apontando para uma possível universalidade? Seria necessário investigar sob que bases fenomenológicas ocorreria uma possível EQM em outro espaço cultural diverso da realidade sócio-cultural ocidental, mormente da realidade norte-americana, onde naturalmente estão concentrados os mais importantes estudos sobre essa modalidade de experiência humana. Caberia, da mesma forma, analisar as características da experiência em crianças ou uma EQM vivenciada por uma pessoa em situação atípica, já consideradas as situações onde mais comumente sucedem as EQMs. Desta forma, poder-se-ia discutir o caráter de universalidade da EQM.

Conforme já citado, Ring defende a hipótese da invariância para a ocorrência de uma EQM, de acordo com a qual tais experiências seriam essencialmente invariáveis de caso para caso. Entretanto, estudos conduzidos por outros pesquisadores (Greyson, 1985) sugerem que a natureza do evento de quase-morte pode influenciar o tipo de experiência durante aquele evento. Greyson constatou que EQMs precipitadas por eventos de quase-morte antecipados apresentavam menos elementos da dimensão cognitiva (tempo veloz, pensamentos velozes, visão retrospectiva, compreensão ampliada) quando comparadas com as EQMs eliciadas por eventos súbitos e inesperados de quase-morte, o que indica que fatores psicológicos podem influenciar o tipo de EQM. Relativamente ao fenômeno da “revisão de vida”, Greyson, citando Rosen, refere que nesse estudo, realizado com sujeitos que tentaram o suicídio, nenhum relato dessa categoria foi encontrado, a despeito de todos terem relatado características da dimensão transcendental e da afetiva.

Em 1986, um psicólogo indiano (Pasricha) e um médico norte-americano (Stevenson), realizaram, na Índia, um estudo empírico com o propósito de comparar as características das EQMs entre as respectivas culturas. Os resultados sugerem, no que se refere aos aspectos fenomenológicos, semelhanças em alguns aspectos e diferenças em outros. Os 16 sujeitos indianos não relataram ter visto o próprio corpo de uma posição diferente no espaço, como também não referiram ocorrência da memória panorâmica. Houve relato de “encontros” com Seres de Luz ou figuras religiosas, os quais “mandaram de volta” os sujeitos por não estarem estes “escalados” ainda para morrer. Os autores sugerem que as diferenças observadas correspondem a diferentes idéias predominantes acerca da vida após a morte nas duas culturas. Entretanto, sublinham que “isto não

nos autoriza afirmar que o conteúdo das EQMs resulta somente das crenças dos sujeitos” (p. 170).

Há um número razoável de estudos que abordam as bases fenomenológicas e demais aspectos da EQM em outras culturas (Blackmore, 1993; Gómez-Jeria, 1993). Na maioria dessas investigações pode-se constatar a presença de alguns elementos de uma EQM prototípica, os quais, todavia, apresentam-se algumas vezes de uma forma diferenciada, em razão, provavelmente, das influências culturais. Isto foi constatado, por exemplo, no estudo empreendido na China por Feng & Liu (1992) com 81 sobreviventes de um terremoto ocorrido em 1976 em Tangshan. Destes, 32 sujeitos relataram fenômenos característicos de uma EQM, havendo, entretanto, diferenças nos aspectos fenomenológicos conforme os casos estudados na cultura norte-americana.

É inegável que existam variáveis antropológicas envolvidas no conteúdo de uma EQM. Todavia, tal fato verifica-se sobretudo no âmbito dos aspectos fenomenológicos. O que merece um estudo mais aprofundado, segundo nos parece, é precisamente a discussão etiológica ensejada a partir das diferenças observadas entre as EQMs de culturas distintas, segundo a qual a EQM seria tão-somente uma expressão subjetiva de crenças próprias da cultura onde está o indivíduo inserido, deflagradas em situações de risco de vida pelo medo da morte.

Além das investigações levadas a efeito em diferentes culturas, convém considerar as experiências pediátricas de quase-morte. Nestas, verifica-se um quadro fenomenológico substancialmente similar às EQMs sucedidas com adultos. Apesar do número ainda reduzido de estudos científicos realizados nos últimos 12 anos (menos de 10 artigos), sugere-se esta base de comunalidade entre as fenomenologias da experiência adulta e infantil. Os conteúdos que aparecem em tais experiências são o encontro com uma luz ou a passagem por um túnel escuro, sensação de bem-estar, experiências fora-do-corpo, ausência de medo, ausência de dor e alteração na vivência do tempo (cf. Morse, 1992; Serdahely & Walker, 1990; Serdahely, 1989).

Os estudos acerca das EQMs pediátricas levam-nos a uma importante suposição quanto aos possíveis fatores envolvidos na produção de uma EQM. Os relatos de tais experiências entram em conflito com a discussão a respeito de a EQM ser uma resposta, culturalmente condicionada, a uma crise de vida ou um reflexo da educação, treinamento religioso, costumes

sociais ou tradições familiares. Como explicar a prevalência desses fatores no caso de uma criança? As experiências pediátricas, portanto, fornecem apoio à hipótese segundo a qual as EQMs seriam universais, porém não invariantes no conteúdo. Esta forma de conceber a EQM encontra um forte respaldo em um estudo singular na literatura específica, realizado por Serdahely no ano de 1990 a respeito de uma jovem que teve sua EQM durante o processo de nascimento, através de cujos sonhos recorrentes até a idade de 6 anos foi-lhe possível lembrar da experiência de proximidade da morte em virtude de complicações no parto, tendo permanecido clinicamente morta por aproximadamente cinco minutos.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS (completas)**

ALVARADO , C. S. (1992). The psychological approach to out-of-body experience: a review of early and modern development. *Journal of Psychology*, 126(3), 237-250.

ANDRADE, Hernani Guimarães (1983). *Morte, renascimento, evolução: uma biologia transcendental*. São Paulo: Pensamento.

ATWATER, P. M. (1992). Is there a hell? Surprising observations about the near-death experience. *Journal of Near-Death Studies*, 10(3), 149-160.

BEAUCHESNE, Hervé (1989). *História da psicopatologia*. São Paulo: Martins Fontes.

BECKER, Ernest (1976). *A negação da morte*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

BLACKMORE, Susan J. (1993). Near-death experiences in India: they have tunnels too. *Journal of Near-Death Studies*, 11(4), 205-217.

Capra, Fritjof (1975). *O tao da física*. São Paulo: Cultrix.

CAPRA, Fritjof (1982). *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix.

CAPRA, Fritjof & RAST-STEINDL, David (1991). *Pertencendo ao universo: explorações nas fronteiras da ciência e da espiritualidade*. São Paulo: Cultrix.

CARR, Christopher (1993). Death and near-death: a comparison of tibetan and euro-american experiences. *The Journal of Transpersonal Psychology*, 25(1), 59-110.

CASSIRER, E. (1977). *Antropologia filosófica*. São Paulo: Mestre Jou.

COON, D. J. (1992). Testing the limits of sense and science: american experimental psychologists combat spiritualism, 1880-1920. *American Psychologist*, 47(2), 143-151.

DENIS, L. (1919). *O problema do ser, do destino e da dor*. Rio de Janeiro: FEB.

DESCARTES, R. *Discurso do método*. Portugal: Europa América, 1977.

DOYLE, Arthur Conan. (1926). *História do Espiritismo*. São Paulo: Pensamento. (o livro foi lançado por Doyle em 1926. A publicação da Ed. Pensamento não apresenta data)

DUCASSÉ, P. (1972). *As grandes correntes da filosofia*. Portugal: Europa América.

EVANS-WENTZ, W. Y. (org.) (1960). *O livro tibetano dos mortos*. São Paulo: Pensamento.

FEIFEL, H. (1986). Morte: variável relevante em psicologia. In: MAY, R. et al. *Psicologia existencial*. Rio de Janeiro: Globo.

FENG, Zhi-ying & LIU, Jian-xun (1992). Near-death experiences among survivors of the 1976 Tangshan earthquake. *Journal of Near-Death Studies*, 11(1), 39-48.

GABBARD, Glen O. et al. (1981). Do "near-death experiences" occur only near death? *The Journal of Nervous and Mental Disease*, 169(6), 374-377.

GÓMEZ-JERIA, Juan S. (1993). A near-death experience among the Mapuche people. *Journal of Near-Death Studies*, 11(4), 219-222.

GREYSON, Bruce & HARRIS, Barbara (1989). O aconselhamento na experiência de quase-morte. Em: GROF, Stanislav & GROF, Christina (org.) (1989). *Emergência espiritual: crise e transformação espiritual*. São Paulo: Cultrix.

GREYSON, Bruce & STEVENSON, Ian (1980). The phenomenology of near-death experiences. *American Journal of Psychiatry*, 137(10), 1193-1196.

GREYSON, Bruce (1983a). The near-death experience scale: construction, reliability and validity. *Journal of Nervous and Mental Disease*, 171(6), 369-375.

GREYSON, Bruce (1983b). Near-death experiences and personal values. *American Journal of Psychiatry*, 140(5), 618-620.

GREYSON, Bruce (1983c). The psychodynamics of near-death experiences. *Journal of Nervous and Mental Disease*, 171(6), 376-381.

GROF, Stanislav (1980). Domínios do inconsciente humano: observações a partir da pesquisa com o LSD. Em: WALSH, Roger N. & VAUGHAN, Frances (org.) (1980). *Além do ego: dimensões transpessoais em psicologia*. São Paulo: Cultrix / Pensamento.

GROF, Stanislav (1987). *Além do cérebro: nascimento, morte e transcendência em psicoterapia*. São Paulo: McGraw-Hill.

GROF, Stanislav (1994). *A mente holotrópica: novos conhecimentos sobre psicologia e pesquisa da consciência*. Rio de Janeiro: Rocco.

GROTH-MARNAT, G. & SCHUMAKER, J. F. (1989). The near-death experience: a review and critique. *Journal of Humanistic Psychology*, 29(1), 109-133.

HERRNSTEIN, R. J. & BORING, E. G. (1971). *Textos básicos de história da psicologia*. São Paulo: Herder (Universidade de São Paulo).

INSINGER, Mori (1991). The impact of a near-death experience on family relationships. *Journal of Near-Death Studies*, 9(3), 141-181.

IRWIN, Harvey J. & BRAMWELL, Barbara A. (1988). The devil in heaven: a near-death experience with both positive and negative facets. *Journal of Near-Death Studies*, 7(1), 38-43.

JAFFÉ, Aniela et al. (1980). *A morte à luz da psicologia*. São Paulo: Cultrix.

JAMES, William (1945). *Princípios de psicologia*. Buenos Aires: GLEM.

JUNG, Carl Gustav (1983). Memórias, sonhos e reflexões. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

KASTENBAUM, Robert (1988). Theory, research and application: some critical issues for thanatology. *Omega*, 18(4), 397-410.

KRÜGER, Helmuth (1986). Introdução à psicologia social. São Paulo: EPU.

LEWIN, Lewin (1994). Complexidade: a vida no limite do caos. Rio de Janeiro: Rocco.

LUKIANOWICZ, N. (1958). Autoscopical phenomena. *Archives of Neurology and Psychiatry*, 80(agosto), 199-220.

MATSON, Floyd W. (1975). Teoria humanista: a terceira revolução em psicologia. Em: GREENING, Thomas C. (org.) (1975). *Psicologia humanista*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

MORENTE, M. G. (1980). Fundamentos de filosofia. São Paulo: Mestre Jou.

MORSE, Melvin & PERRY, Paul. (1992). Do outro lado da vida: o que nos ensinam as experiências de quase-morte de crianças. Rio de Janeiro: Objetiva.

NOYES, R. & KLETTI, R. (1976). Depersonalization in the face of life-threatening danger: a description. *Psychiatry*, 39, 19-27.

NOYES, Russel & KLETTI, Roy (1972). The experience of dying from falls. *Omega*, 3, 45-52.

NOYES, Russel (1982). The human experience of death, or what can we learn from near-death experiences? *Omega*, 13, 251-259.

PENFIELD, Wilder & PEROT, Phanor (1963). The brain's record of auditory and visual experience: a final summary and discussion. *Brain*, 86(4), 596-696.

POLLAK, Jerrold M. (1979). Correlates of death anxiety: a review of empirical studies. *Omega*, 9, 97-121.

RAFT, David & ANDRESEN, Jeffry J. (1986). Transformation in self-understanding after near-death experiences. *Contemporary Psychoanalysis*, 22(3), 319-346.

ROBERTS, G. & OWEN, J. (1988). The near-death experience. *British Journal of Psychiatry*, 153, 607-617.

RODRIGUES, Aroldo (1975). *Psicologia Social*. Rio de Janeiro (Petrópolis): Vozes.

ROGO, D. Scott (1984). Ketamine and the near-death experience. *Anabiosis*, 4(1), 87-96.

SERDAHELY, William J. & WALKER, Barbara A. (1990). A near-death experience at birth. *Death Studies*, 14, 177-183.

SERDAHELY, William J. (1987). The near-death experience: is the presence always the higher self? *Omega*, 18(2), 129-134.

SERDAHELY, William J. (1989). A pediatric near-death experience: tunnels variants. *Omega*, 20(1), 55-62.

SHELDRAKE, Rupert (1991). *O renascimento da natureza: o reflorescimento da ciência e de Deus*. São Paulo: Cultrix.

SIEGEL, R. K. (1980). The psychology of life after death. *American Psychologist*, 35(10), 911-931.

STEVENSON, Ian et al. (1989). Are persons reporting "near-death experiences" really near death? A study of medical records. *Omega*, 20(1), 45-54.

SUTHERLAND, Cherie (1990). Changes in religious beliefs, attitudes and practices following near-death experiences: an Australian study. *Anabiosis*, 9(1), 21-31.

TABONE, Marcia (1992). *Psicologia transpessoal: introdução à nova visão da consciência em psicologia e educação*. São Paulo: Cultrix.

WAHL, C. W. (1958). The fear of death. In: FEIFEL, Herman (1959) (org.). *The meaning of death*. New York: McGraw-Hill.

WALSH, Roger & VAUGHAN, Frances (1993). On transpersonal definitions. *The Journal of Transpersonal Psychology*, 25(2), 199-207.

WALSH, Roger (1993). The transpersonal movement: a history and state of the art. *The Journal of Transpersonal Psychology*, 25(2), 123-139.

WALSH, Roger N. & VAUGHAN, Frances (org.) (1980). Além do ego: dimensões transpessoais em psicologia. São Paulo: Cultrix / Pensamento.

WEBER, Renée (1986). Diálogos com cientistas e sábios: a busca da unidade. São Paulo: Cultrix.

WEIL, Pierre (1991). O novo paradigma holístico. Em: BRANDÃO, Dênis M. S. & CREMA, Roberto (org.) (1991). O novo paradigma holístico: ciência, filosofia e mística. São Paulo: Summus.

WEIL, Pierre (1993). Antologia do êxtase. São Paulo: Palas Athena.

WILBER, Ken (1980a). Um modelo de desenvolvimento da consciência. Em WALSH, Roger N. & VAUGHAN, Frances (org.) (1980). Além do ego: dimensões transpessoais em psicologia. São Paulo: Cultrix / Pensamento.

WILBER, Ken (1980b). Psicologia perene: o espectro da consciência. Em WALSH, Roger N. & VAUGHAN, Frances (org.) (1980). Além do ego: dimensões transpessoais em psicologia. São Paulo: Cultrix / Pensamento.

WILSON, I. (1995). A experiência da morte: indícios de vida após a morte. Rio de Janeiro: Campus.

ZIEGLER, J. (1977). Os vivos e a morte: uma sociologia da morte, no Ocidente e na diáspora africana no Brasil, e seus mecanismos culturais. Rio de Janeiro: Zahar.